

Identificação do Objeto



Número: 2004.016
Coleção: Museu do Zebu
Categoria do Acervo: Utensílios Domésticos
Classificação: Objeto de uso doméstico
Título: Ferro de passar roupas (a brasa)
Data e Modo de Aquisição: 10.08.2004 / doação
Código do Doador: 0180
Data atribuída: 1ª metade do século XX
Material e Técnica: Ferro, soldagem, madeira, fundição
Origem: Não identificada
Conservação: Regular
Dimensões: 21 x 9 Cm de largura, 20 Cm de altura

Descrição e Dados Históricos do Objeto

O ferro de passar é usado pelas pessoas para desamarrotar tecidos do vestuário ou de cama, mesa e banho, em geral, alisando-os através do seu aquecimento. Antigamente, esse aquecimento era conseguido graças à queima de óleo, carvão ou gasolina. Atualmente esse aquecimento é gerado através da energia elétrica. Os primeiros vestígios históricos sobre a utilização do ferro de passar foram encontrados no século IV, na China imperial. Os indícios são de que os chineses foram pioneiros em utilizar uma forma rudimentar desse tipo de instrumento, aplicado com o auxílio do carvão em brasa para o aquecimento da base moldada a partir do ferro, o mármore, o vidro e outros elementos mais considerados como bons condutores de calor. O ferro de passar roupa, na forma mais parecida com o que é usado hoje, tem suas primeiras referências a partir do século XVII, quando o que funcionava a brasa passou a ser usado por uma escala maior de pessoas. E foi no século XIX que surgiu outras variedades desse instrumento, como o ferro de lavadeira, o de água quente, a gás e a álcool. Acompanhando os reflexos da Revolução Industrial, em 1882, o americano Henry W. Seely criou a patente do ferro de passar elétrico, popularizando cada vez mais o uso desse item. Algum tempo depois, durante a década de 1920, surgiu o ferro a vapor como fruto do fracasso inicial do ferro elétrico. Surpreendentemente, a maioria das residências daquela época não dispunha de energia elétrica ou enfrentavam momentos sucessivos de racionamento. Por isso, para não alterar os hábitos da atividade doméstica, a população preferia continuar usando os mesmos recursos utilizados até então. Somente com a melhoria do fornecimento de energia, o produto tornou-se um eletrodoméstico indispensável em qualquer residência. No Brasil, a nacionalização do item ocorreu somente durante a década de 1950, quando a política modernizadora adotada durante o Governo JK popularizou o uso de eletrodomésticos entre as famílias, atraindo a instalação das fábricas estrangeiras no país para reduzir as importações. No entanto, o uso do ferro a brasa tornou-se constante no Brasil desde os tempos da Colônia, quando começaram a surgir as primeiras vilas e fazendas nos principais

centros de produção agrícola. Após a ocupação do interior, durante a Expansão Territorial, o item recebeu maior atenção, tornando-se parte cultural do estilo de vida e do cotidiano do homem envolvido na lida no campo. O ferro a brasa, além de tantos outros itens similares, sobreviveu no cotidiano social do Brasil desde a introdução da República até a primeira metade do século XX. Apesar do caráter modernizador dos ventos que ajudaram a moldar a “Ordem e o Progresso” no país, o espírito agrário da economia brasileira não foi completamente sepultado. Mesmo cambaleante, sua influência permaneceu no meio rural e mesmo entre os principais centros urbanos que se desenvolveram nesse período, guardando contrastes que iam desde as rupturas às permanências de certas características que ajudaram a moldar a profundidade da adversidade cultural que permite ao Brasil ser um país tão peculiar entre tantos. Principalmente no campo, muitas tradições como essa resistiram com mais afinco às novas tendências. O ferro de passar roupa em brasa, que compõe o acervo do Museu, é da marca brasileira “Fama” e corresponde ao início do século XX. Acompanhado por um apoio de ferro para descanso todo ornamentado, o objeto possui 21 cm de comprimento e 9 cm de largura, com altura de 20 cm, considerando a alça. Foi doado ao museu por Ivan Gotti (dados pessoais não registrados) em 10 de agosto de 2004. Sua relevância histórica está em comum harmonia com a adversidade cultural ligada ao cotidiano da sociedade, seja no meio rural ou urbano. E é nesse tipo de cenário, ambiente ou ocasião que o zebu encontrou amparo, para se desenvolver, expandir e fazer do Brasil o maior centro mundial de desenvolvimento e promoção da pecuária zebuína.